



ARTIGOS

## TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA E A LIBRAS

**Maria Cristina Pires Pereira**

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil*

mcppufrgs@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v5i1.36537>

Recebido em: 16/02/2021

Aceito em: 13/04/2021

Publicado em novembro de 2021

**RESUMO:** A tradução intersemiótica, abordada no campo disciplinar dos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais – ETILS (SOUZA, 2010; RODRIGUES; BEER, 2015), tem apresentado uma recorrente afiliação à divisão tripartite de Jakobson (1972), no entanto, alguns trabalhos têm tido uma argumentação inconsistente quanto a esta adesão teórica. Procedendo a uma revisão de literatura sobre a questão da tradução intersemiótica, sua relação com as línguas de sinais e a problemática posta por uma língua de modalidade de expressão e recepção distinta das línguas orais, analiso nove trabalhos que abordam a tradução intersemiótica e a Libras (Língua Brasileira de Sinais). É possível deduzir que, mesmo quando a afiliação à linha de Jakobson (1972) é declarada, a maioria possui problemas para explicitar aos leitores as nuances que podem distinguir uma tradução que aborde, ao menos, uma língua de sinais, principalmente quando o registro é feito em vídeo.

**Palavras-chave:** *Tradução, Intersemiótica, Línguas de sinais, Libras (Língua Brasileira de Sinais).*

## INTERSEMIOTIC TRANSLATION AND LIBRAS

**ABSTRACT:** Intersemiotic translation has been strongly mentioned in works in the disciplinary field of Translation Studies and Sign Language Interpretation - ETILS (Souza, 2010; Rodrigues; Beer, 2015) in the last decade. However, despite a recurrent affiliation with Jakobson's (1972) tripartite division related to the definition of intersemiotic translation, many studies have had an argument that is not always consistent and clear regarding this theoretical adherence. Proceeding a literature review on the issue of intersemiotic translation, its relationship with sign languages and the problem posed by a language of expression and reception distinct from oral languages, I analyze nine works that fall within this theme. From the investigated works it is deduced that, although practically all have declared their affiliation to the Jakobson line (1972), most have problems to explain to readers the nuances that can distinguish a translation that addresses at least one sign language, mainly when recording is done on video.

**Keywords:** *Translation, Intersemiotic, Sign languages, Libras (Brazilian Sign Language).*



## Introdução

Na última década, identificar a tradução<sup>20</sup> intersemiótica em trabalhos que envolvam a Libras (Língua Brasileira de Sinais) tem sido uma prática que surgiu e se proliferou no Brasil (AVELAR, 2009; SEGALA, 2010; SOUZA, 2010; MACHADO, 2013; ALBRES, 2015; SEGALA; QUADROS, 2015). No entanto, o que está se tornando comum é a pressuposição de que qualquer ato de tradução que envolva uma língua de sinais é consequentemente uma tradução intersemiótica:

a tradução inter-semiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de signos não verbais” e nesse ponto exemplo não falta, temos um leque de oportunidades, a exemplo dessa temos, tradução de histórias em quadrinhos para filme ou peça teatral, da Língua Portuguesa escrita ou oral para Libras, de outra Língua de Sinais para a Libras entre outros (BORGES; SILVA, 2017, s/p.).

No caso específico da tradução do Português para a Libras, que se caracteriza por uma tradução interlingual, intersemiótica e intermodal, percebemos a necessidade de respeitar as especificidades resultantes da natureza dessa língua (SILVA; LEMOS, 2017, p. 80).

A análise realizada envolve duas línguas de modalidades distintas, uma oral-auditiva (português) e outra visuo-espacial (Libras). Portanto, trata-se, essencialmente, de uma tradução intersemiótica (COSTA, 2018, p. 19).

Em busca de um maior entendimento deste fenômeno, este trabalho visa analisar como tem sido feita a afiliação teórica, a defesa desta categorização e sua adequação diante do arcabouço teórico disponível nos Estudos das Línguas de Sinais e Estudos da Tradução. Na seção “Jakobson, entre o verbal e o não verbal”, apresento a tradução intersemiótica oriunda da clássica divisão tripartite, interlingual, intralingual e intersemiótica, e sua pertinência às línguas de sinais. Em “Peirce e além”, examino outras concepções de relações entre signos e em como isto pode afetar nossa percepção de tradução e em “Se tudo é intersemiótico, nada é intersemiótico”, analiso textos em demonstração de como o rótulo de tradução intersemiótica tem sido aplicado à tradução que envolva uma língua de sinais, no caso a Libras.

---

<sup>20</sup> Utilizo o termo “tradução”, neste artigo, como hiperônimo de qualquer tipo de ato tradutório, seja denominado tradução ou interpretação.



## Jakobson, entre o verbal e o não verbal

É recorrente uma primeira referência à famosa conceituação de que “Tradução intersemiótica ou transmutação consiste na interpretação de signos verbais por meio de sinais de sistemas de signos não-verbais” (JAKOBSON, 1972, p. 65), no entanto, apesar de seu pioneirismo, esta definição foi muito sucinta e não houve explanação suficiente para esclarecer a complexidade deste tipo de tradução.

Com relação às línguas de sinais, um dos pontos controversos seria a diferenciação de signos verbais e não verbais, porque as línguas de sinais ora são tidas como línguas legítimas linguisticamente, ora como comunicação não verbal. Alguns trabalhos percebem as línguas de sinais como pertencentes à categoria de sistemas de signos não verbais:

Inclusive, existe uma ampla variedade de comportamentos não verbais, incluindo comportamentos analógicos e comportamentos diretamente relativos à língua(gem), que não são amostras de estados internos motivacionais-emocionais. Nestes se incluem sistemas de língua de sinais e pantomima (...) (BUCK, VANLEAR, 2002, p. 526).<sup>21</sup>

(...) o mais importante sistema semiótico é a língua(gem) humana em contraste com outros sistemas tais como a língua de sinais e sinais de trânsito (AS-SAFI, 2011, p.11).<sup>22</sup>

Outras obras, apresentam incongruências, como em um livro sobre a língua de sinais britânica (*British Sign Language – BSL*), (DEUCHAR, 1984), no qual, no prefácio do editor geral, Michael Stubbs, a obra é recomendada porque “também será de interesse para psicólogos sociais e para todos aqueles que se interessam em comunicação **não verbal**” [grifo meu] (STUBBS, 1984, p. ix)<sup>23</sup>. Em seguida, a autora, esclarecendo sobre alguns mitos, declara que “a segunda presunção, de que a língua de sinais é ‘natural e instintiva’ pode ter vindo da associação que as pessoas ouvintes

---

<sup>21</sup> No original: Also, there are a wide variety of nonverbal behaviors, including analogic behaviors and behaviors directly related to language, that are not displays of internal motivational-emotional states. These include systems of sign language and pantomime (...) (BUCK, VANLEAR, 2002, p.526). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

<sup>22</sup> No original: (...) the most important semiotic system is human language in contrast to other systems such as sign language and traffic signals (AS-SAFI, 2011, p.11). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

<sup>23</sup> No original: It will also be of interest to social psychologists and all those interested in non-verbal communication (STUBBS, 1984, p. ix). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.



fazem do termo 'língua de sinais' com 'linguagem corporal' ou comunicação **não verbal**" [grifo meu] (DEUCHAR, 1984, p. 3)<sup>24</sup>.

Em outro caso, primeiramente as autoras afirmam que a "Língua de sinais, uma forma de comunicação não verbal, não é discutida neste ensaio" para logo em seguida declararem que "mesmo se gestos corporais e expressões faciais fazem parte desta língua, que corresponderia à definição de comunicação não verbal [...] [a língua de sinais] não pode ser considerada como comunicação não verbal". (BESSION *et al.*, 2005, s/p)<sup>25</sup>.

Diante destas informações desencontradas, seriam, afinal, as línguas de sinais verbais ou não verbais? Primeiramente vamos entender o que é verbal e não verbal e determinar como as línguas de sinais se relacionam com estas definições.

O comportamento não verbal, no contexto de interações humanas, tem sido definido em contraste com o verbal, em termos de tudo o que não é palavra falada oralmente ou sua escrita, seja considerado erroneamente como não verbal. (KNAPP; HALL, 2010). Neste conjunto de manifestações não verbais seria incluída a linguagem corporal e suas diversas manifestações, principalmente os gestos e as expressões faciais. Sebeok (2001) delimita o verbal à fala (oral ou sinalizada) e à escrita, conclusivamente podemos dizer que o que é linguístico é verbal.

O que parece ser o equívoco mais comum é confundir o verbal com o vocal. Alguns autores declaram que ambas as comunicações, verbais e não verbais, podem ser tanto vocais quanto não vocais, (SEBEOK, 2001; LEONARD, 2012). Até mesmo o termo "fala" tem sido aplicado inadvertidamente somente à produção oral/vocal, sendo ignorado o fato de que, em sua definição, a fala é o aspecto psicofísico da exteriorização da língua e na qual o aparelho vocal é um aspecto secundário (SAUSSURE, 1999), conseqüentemente falamos tanto oralmente/vocalmente quanto por sinais. Sebeok (2001) refere-se ao canal acústico, indo além do vocal, incluindo outros aspectos da comunicação humana, que pode ser somática,

---

<sup>24</sup> No original: The second assumption, that sign language is 'natural and instinctive' may come from hearing people's association of the term 'sign language' with 'body language' or non-verbal communication (DEUCHAR, 1984, p. 3). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.

<sup>25</sup> No original: Sign-language, one form of non-verbal communication, is not discussed in this essay. (...). Even if body gestures and facial expressions are part of this language, which would correspond to the definition of non-verbal communication (...), it cannot be regarded as non-verbal communication (BESSION *et al.*, 2005, s/p). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.



produzida somente pelo corpo, como assobios e pigarros, ou artefactual, como batidas em instrumentos de percussão, como sistematizado no Quadro 1.

Quadro 1 – Esquema da intersecção entre acústico, não acústico, verbal e não verbal

	ACÚSTICA		NÃO-ACÚSTICA	
	SOMÁTICA	ARTEFACTUAL	SOMÁTICA	ARTEFACTUAL
VERBAL	Línguas orais faladas	Código Morse	Línguas de sinais faladas	Escrita (de línguas orais ou de sinais)
NÃO-VERBAL	Estalar os dedos para chamar atenção	Música com instrumentos	Piscada de olhos	Sinais de trânsito

Fonte: elaborado por Maria Cristina Pires Pereira, baseada em Sebeok, 2001.

Portanto, é possível concluir que as línguas de sinais pertencem à categoria verbal, assim como quaisquer outras línguas orais, mas não é vocal ou acústica. O problema surge quando consideram os sinais, do ponto de vista linguístico, como gestos não linguísticos, pura expressão corporal ou mímica. Então, para clarificar ainda mais a questão, veremos o que, atualmente, é investigado sobre a relação entre gestos e sinais.

Uma das primeiras concepções relativas à evolução das línguas humanas possuía duas principais vertentes: uma colocava em oposição gestos e fala (sinalizada ou oral) e outra estabelecia uma linha de desenvolvimento do mais gestual ao mais linguístico. Estas visões começaram a ser questionadas por Dotter (1999) quando o autor tece diversas críticas a “alguns aspectos do *continuum* de McNeill (*continuum* de Kendon, 1988 [reformulado por McNeill]) como uma posição científica [...]”<sup>26</sup>(DOOTER, 1999, p. 6) da metáfora que situa as línguas de sinais como um ponto entre os gestos e as línguas orais.

Dotter (1999) critica posicionar gestos como uma forma primitiva de comunicação em comparação com línguas orais ou de sinais pois, segundo ele, o verdadeiro salto evolutivo para as línguas humanas é dado levando em conta todos

---

<sup>26</sup> No original: we can interpret some aspects of McNeill's (1992) 'continuum' (Kendon Continuum) formulated as an interpretation of Kendon, 1988) as a scientific instance of the 'between' metaphor. (DOOTER, 1999, p. 6). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.



os recursos que estavam disponíveis no momento (gestuais e vocais). Portanto, se os gestos fossem menos desenvolvidos ou totalmente independentes teríamos um cenário no qual 1) as línguas humanas seriam todas gestuais, pois se as línguas de sinais são línguas completas em seu aspecto linguístico, teríamos chegado ao ápice da evolução, sem precisar desenvolver um sistema oral alternativo e 2) a gestualidade desapareceria após o surgimento de uma língua oral, se esta fosse tomada como o ponto culminante do desenvolvimento linguístico. Nem uma, nem outra ocorreu o que nos leva às perspectivas atuais que tendem a considerar o todo gestual e vocal, em suas manifestações linguísticas, como algo coocorrente e interdependente no ato comunicativo.

Goldin-Meadow e Brentari (2017) apresentam os estudos das línguas de sinais relacionadas aos gestos, em três fases: (1) a primeira concepção de que as línguas de sinais eram puramente pantomima, mímica ou somente gestos, (2) as línguas de sinais adquirem estatuto linguístico comparáveis a qualquer língua oral, mas ainda sem considerar muito o impacto dos efeitos da modalidade gestual na estrutura linguística e (3) os efeitos de modalidade de uso da língua têm cada vez mais proeminência nas pesquisas, o que faz com que “alguns [pesquisadores] retomem a afirmação de que o sinal é (ao menos, em parte) gestual” (GOLDIN-MEADOW; BRENTARI, 2017, p. 1)<sup>27</sup>.

Paralelamente, os Estudos da Gestualidade se desenvolveram por seu próprio caminho e, atualmente, podemos dizer que tanto pessoas que se comunicam por meio de línguas orais, quanto de línguas de sinais, usam gestos e gesticulam. O limite do puramente gestual nas línguas de sinais é tênue, pois a modalidade em que os gestos e os sinais são produzidos é a mesma, fazendo com que seja bem mais difícil separar um e outro, ao contrário das línguas orais.

O que é perceptível é que os atuais estudos da linguagem convergem para uma aproximação entre as línguas de sinais, os estudos da gestualidade e, inclusive, as línguas orais (WILCOX, 2005, 2012), sendo que a tendência é considerar o ato

---

<sup>27</sup> No original: *and some have revived the claim that sign is (at least in part) gestural* (GOLDIN-MEADOW; BRENTARI, 2017, p. 1). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.



comunicativo como um todo nos seus “componentes categóricos (fala oral ou sinalizada) e imagéticos (gestos)”. (GOLDIN-MEADOW; BRENTARI, 2017, p. 17)<sup>28</sup>.

Felizmente, a concepção de que as línguas de sinais sejam não verbais está diminuindo com o esclarecimento gradativo da comunidade acadêmica. Inclusive, esta revisão de conceitos está se difundindo para outras áreas, além das línguas de sinais e, por exemplo, a denominação de não verbal (*nonverbal*) para pessoas autistas que não se expressavam por meio oral/vocal, mas que podem se comunicar pela escrita, já está sendo substituídas por falantes (*speaking*) e não falantes (*nonspeaking*) (LEBENHAGEN, 2020).

Portanto, se de acordo com a categorização de Jakobson (1972) de tradução intersemiótica, não procede a classificação das línguas de sinais como não verbais, será possível uma outra perspectiva? Na próxima seção, vamos explorar outras abordagens sobre o tema.

### **Peirce e além**

A elaborada semiose, concebida como um processo interativo e inseparável entre signo, objeto e interpretante, proposta por Peirce (HIRASHIMA, 2005; QUEIROZ; AGUIAR, 2010, 2013, 2015), tem sido o ponto de partida para outras concepções da tradução intersemiótica.

Uma única direcionalidade, de não verbal para verbal, é superada por Plaza (1987) quando indica a possibilidade de que a tradução intersemiótica também ocorra de signos verbais para não verbais, quando comenta a definição de Jakobson (1972) e insere a esta: “ou vice-versa, poderíamos acrescentar” (PLAZA, 1987, p. XI).

Outro autor que questionou a tradicional concepção inicial de tradução intersemiótica foi Eco (2007), quando desatreia a tradução somente de sistemas linguísticos pois, segundo ele, “[...] não se traduz de uma língua natural para outra, mas entre sistemas semióticos diversos entre si, como quando, por exemplo, se ‘traduz’ um romance para um filme, um poema épico para uma obra em quadrinhos ou se extrai um quadro do tema de uma poesia” (ECO, 2007, p. 11). Nesta

---

<sup>28</sup> No original: categorical (speech or sign) and imagistic (gesture) components (GOLDIN-MEADOW; BRENTARI, 2017, p. 17). Tradução livre de Maria Cristina Pires Pereira.



perspectiva, as línguas humanas são apenas mais um sistema de signos e, como tais, parte do grande estudo da Semiótica.

Em alguns casos, tanto a tradução intersemiótica quanto a Teoria da Adaptação podem ser colocadas comparativamente, em uma fronteira de difícil definição de limites, mesmo que percorram caminhos teóricos e metodológicos diversos. Amorim (2013), nos remete a dois processos, na tradução que envolva cinema, ou vídeo: um de transferência, mais fácil e outro de adaptação no qual, pelas dificuldades encontradas entre os signos, a criatividade do tradutor tenha que entrar mais em ação.

Deve-se destacar que não se encontram muitas descrições meticolosas do fenômeno capazes de distingui-lo de outras práticas como, por exemplo, “intersemiose” e “intertextualidade”. Além disso, e mais gravemente, não existem tipologias ou classificações que orientem a distinção entre diversas modalidades: “adaptação”, “baseado em”, “inspirado por”, “orientado por” etc. Se não há generalização de leis sobre o fenômeno, não há forma de comparação com casos descritos em linguística teórica, semiótica geral ou semióticas aplicadas (cinema, teatro, música, arquitetura). Deve-se acrescentar que o tópico ainda fornece um pequeno número de publicações acadêmicas àqueles interessados no assunto (QUEIROZ, AGUIAR, 2010, p. 2).

Claus Clüver (1997), inicialmente, compatibilizava com Plaza (1987) ao considerar que as artes mantinham uma relação de tradução intersemiótica com a literatura e inaugurou o campo dos Estudos das Interartes. Com o passar do tempo foi feita a reflexão de que nem todos os objetos de análise envolvidos podiam ser chamados de “arte”, mas que todos podem ser considerados mídias e, ao mesmo tempo em que houve uma aproximação dos Estudos Interartes com os Estudos de Mídia. Esta nova perspectiva deu espaço ao início dos Estudos da Intermidialidade, (CLÜVER, 2006, 2011) que, apesar de algumas discussões teóricas e terminológicas internas deste campo disciplinar, está se firmando com publicações e tem um grupo de pesquisa bem atuante no Brasil, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)<sup>29</sup>.

A partir daí, Clüver destaca três tipos de intermidialidade:

---

<sup>29</sup> Núcleo de Pesquisa Intermídia, Faculdade de Letras, UFMG. Disponível em: [http://www.lettras.ufmg.br/padroao\\_cms/?web=intermidia&lang=1&page=2655&menu=1683&tipo=1](http://www.lettras.ufmg.br/padroao_cms/?web=intermidia&lang=1&page=2655&menu=1683&tipo=1). Acesso em: 20 de jul. 2020.



- combinação de mídias (por exemplo, as que existem nas histórias em quadrinhos ou no *graffiti*);
- referências intermediáticas (por exemplo, ao teatro ou à pintura, em filmes); e a
- transposição midiática (por exemplo, na adaptação de romances para o cinema). (CLÜVER, 2011, p. 8).

Nesta intermedialidade podemos identificar uma abertura e possibilidades que vão além do que postulou Jakobson (1972). A tradução intersemiótica é basicamente uma transação entre signos, um fenômeno intrinsecamente multimodal que envolve processos de intersemiose entre ocorrências verbais, visuais, hápticas<sup>30</sup> e sonoras, como estabelecem Queiroz e Aguiar (2010).

Todavia, se considerarmos, dentro desta perspectiva radical da semiose peirceana, que todo pensamento e, conseqüentemente, toda a sua expressão são, em si, traduções, (PLAZA, 1987; HIRASHIMA, 2005), que todo ser pensante e comunicante está, a todo momento, realizando traduções intersemióticas, isto nos leva à conclusão de que tudo é tradução entre signos e intersemiótico, em conseqüência. Nesta linha de pensamento, podemos afirmar, então que a semiose é uma característica subjacente a todas às manifestações da linguagem e, por isto mesmo, não é distintiva. Se a partir do pensamento e sua manifestação em algum sistema de signos todas as relações entre linguagens são também intersemióticas e, por isto, dizer que a interpretação de língua de sinais para uma língua oral pertence a este tipo de classificação é uma redundância sem nenhuma função prática. Neste sentido, como pesquisadora, me aproximo do pensamento de Stecconi (2004) quando este pondera que é necessário limitar o alcance do termo “tradução” e não o utilizar no lugar de semiose.

Como pudemos descortinar, ir além da perspectiva de Jakobson (1972) leva a uma multiplicidade de visões sobre a tradução intersemiótica. Desde um mergulho pela própria Semiótica e a noção de (inter)semiose, Interartes, Intermedialidade e a Teoria da Adaptação, todas, em algum momento interseccionam, sem no entanto, ser sempre patente a distinção entre elas. Diante do exposto, temos que refletir sobre como está sendo feita a afiliação teórica nos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (ETILS), (SOUZA, 2010; RODRIGUES; BEER,

---

<sup>30</sup> Entenda-se a sensação háptica como aquela relativa ao tato sob duas perspectivas: do toque cutâneo e da cinestesia do toque (O'MALLEY; GUPTA, 2008).



2015), sua profundidade e domínio. Com o intuito de investigar como está sendo tratada a tradução intersemiótica em trabalhos inseridos nos ETILs, executei uma busca e análise que é descrita na próxima seção.

### **“Se tudo é intersemiótico, nada é intersemiótico”**

Para exemplificar alguns aspectos que precisam ser apurados, sobre a tradução intersemiótica, em trabalhos pertencentes aos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais (ETILs), fiz uma busca na plataforma *Google Acadêmico*. Limitei como primeiro filtro, em meu espectro de análise, somente artigos, dissertações, teses ou livros, por serem as obras acadêmicas de maior circulação, e que em seu título ou na descrição na plataforma contivessem os termos “intersemiótica” e “língua(s) de sinais” ou “Libras”.

A cada texto que atendia ao primeiro critério de filtragem, procurei internamente por meio do recurso CTRL+F por “intersemiótica” para encontrar: definição, afiliação e a visão/concepção dos autores sobre a relação entre a tradução intersemiótica e a língua de sinais, no caso a Libras. Alguns trabalhos utilizaram o termo “intersemiótica” somente no título e em citações, sem maiores elaborações ou reflexões sobre o assunto e estes textos foram descartados. Delimitei a quantidade em nove trabalhos, no Quadro 2, revistos em ordem cronológica para conseguir uma análise mais apurada:

Quadro 2 – Trabalhos analisados

<b>Ano</b>	<b>Autoria</b>	<b>Tipo da obra</b>
2009	Avelar	Capítulo de livro
2010	Segala	Dissertação
2010	Souza	Dissertação
2013	Machado	Dissertação
2015	Segala & Quadros	Artigo de periódico
2015	Albres	Artigo de periódico
2016	Vieira	Dissertação
2017	Santos	Livro
2019	Rezende	Dissertação

Fonte: Elaborado por Maria Cristina Pires Pereira.



A primeira menção à tradução intersemiótica surgiu em 2009:

Destaca-se aqui, segundo a proposta de Jakobson (1975: 64-5), um tipo de tradução interlingual e intersemiótica. (...) Já a tradução intersemiótica, ou transmutação, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais. Por exemplo: vídeos, animações, filmes e simulações (AVELAR, 2009, p. 369).

Avelar (2009), mesmo declarando a afiliação ao pensamento de Jakobson (1972), além dos exemplos dados, não deixa claro como seria a tradução intersemiótica. Porém, no parágrafo anterior a autora (2009) menciona a hipermídia do Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na qual “do lado esquerdo da tela, textos das disciplinas em Língua Portuguesa escrita e, ao lado direito, a tradução em Libras, efetuada por uma tradutora surda” (AVELAR, 2009, p. 369), complementando que assim os alunos surdos podem seguir as lições tanto em sua L1, a Libras, como em sua L2, a língua portuguesa escrita e deixando mais explícita uma situação de tradução intersemiótica. No entanto, se dermos ênfase a esta situação, não seria um caso de tradução interlingue somente? Pois temos a língua portuguesa, na modalidade de uso escrita, e a Libras, na modalidade de uso falada.

Em 2010 surgiu a obra mais citada, quando se trata de relacionar tradução intersemiótica e a Libras.

A tradução realizada no espaço do Letras Libras é uma tradução que parte de um texto escrito em Português acadêmico para uma Língua de Sinais que exige uma tradução visual, ou seja, a tradução é gravada pelo tradutor/ator/coautor que também desempenha o papel de ator dessa tradução. Ele usa não só sua capacidade de traduzir e de compreender o texto, mas também expõe sua imagem para registrar em vídeo o produto final.

Por isso a tradução que se faz nesse espaço é intersemiótica, além de ser interlinguística, como definido primeiramente por Jakobson (1969), porque estão implicados vários processos e vários recursos até se concretizar a tradução definitiva. (SEGALA, 2010, p. 8-9).

No excerto anterior, é explícita uma afiliação à definição de Jakobson (1972), de tradução intersemiótica, mas vejamos: argumenta-se de que a tradução que se faz nesse “espaço” [do curso de Letras Libras] é intersemiótica, pois parte-se do



português escrito, em registro acadêmico, para uma língua de sinais, no caso a Libras, e isto implica em vários processos e recursos. Em primeiro lugar, são signos de mesmo tipo, verbal ou linguístico, o que caracteriza uma tradução interlingual, mas não intersemiótica, se considerarmos o autor de referência, Jakobson (1972). Talvez uma descrição dos “vários processos e vários recursos” poderia ser um argumento mais explícito em defesa de uma tradução intersemiótica.

Segala (2010) declara que a tradução de uma língua oral para uma língua de sinais pode ser feita de duas maneiras: por algum sistema de escrita de línguas de sinais (exemplificado como o *SignWriting*, por ele) e por meio de um vídeo de alguém sinalizando.

Com o barateamento dos recursos tecnológicos, é cada vez mais comum, até mesmo nos cursos de Letras Libras, o uso do vídeo como recurso de tradução de um texto escrito ou falado em uma língua qualquer para a Língua de Sinais. O uso da Língua de Sinais em vídeo facilita a compreensão, pois usa um código já conhecido dos surdos. É uma tradução intersemiótica (SEGALA, 2010, p. 30).

A afirmativa “é uma tradução intersemiótica” ficou desconectada de suas supostas causadoras: uso do vídeo, texto escrito ou falado [oral ou vocalmente] para uma língua de sinais, pois nada remete a sistemas de signos diferentes, considerando a linha teórica que o autor utiliza. Amorim (2013) referindo-se especificamente à tradução de obras literárias para o cinema, e posso ampliar para vídeos em geral, propõe a reflexão de que estas mídias favorecem uma abordagem intersemiótica, pois são compostas de várias linguagens: verbal, imagens estáticas e dinâmicas, efeitos sonoros (trilha sonora, som ambiente), de iluminação, cinematográfica (câmera, enquadramento etc.) e outras que ainda possam ser inventadas. No entanto, o mero registro de uma tradução em vídeo não garante que esta operação seja intersemiótica se selecionarmos o mesmo tipo de signos, o que muda é o suporte destes signos.

Souza (2010) declara sua afiliação à linha de Jakobson (1972), na página 54 de sua dissertação e exemplifica claramente quais os diversos recursos semióticos utilizados.



Logo, quando se observou na equipe de vídeo o uso de trechos selecionados de filmes, fotografias, entre outros, ora para explicar, ora para exemplificar conteúdos que foram re-textualizadas pelo surdo (ou surda) tradutor-ator diante das câmeras, pode-se dizer que há a ocorrência da tradução do tipo intersemiótica. (SOUZA, 2010, p. 55).

Podemos perceber que em poucos parágrafos é possível não deixar lacunas ou ambiguidades sobre o que se entende por uma tradução intersemiótica.

Além disso, como essa equipe é responsável pela produção de animações e ilustrações que irão compor os materiais didáticos digitais disponibilizados no AVEA, é possível entender que, nesse instante, está presente a tradução intersemiótica, visto que, signos verbais são traduzidos a partir de signos ou sistemas não-verbais (animados ou ilustrativos). (SOUZA, 2010, p. 56).

No caso de Souza (2010), temos um exemplo de que tecer a rede entre a afiliação teórica escolhida (JAKOBSON, 1972), a defesa desta categorização, exemplificando exatamente os tipos de signos envolvidos na situação e sua consequente adequação teórica é um procedimento que não demanda ser prolixo, porém nem sempre é praticado.

Machado (2013), também institui Jakobson (1972), como sua fonte em termos de tradução intersemiótica e, no início do trabalho, declara como parte de sistemas sígnicos diferentes dos verbais, no caso quatro poesias em Libras, o “plano de fundo do sinalizante, a composição das cores, o uso de imagens ilustrativas, os enquadramentos, todos os aspectos visuais fazem parte dos elementos não verbais”. (MACHADO, 2013, p. 8), o que explicita a sua caracterização como tradução intersemiótica.

Em 2015, o trabalho de Segala & Quadros justificou a denominação de tradução intersemiótica ao fato de as línguas de sinais e as línguas orais possuírem modalidades diferentes de manifestação e recepção, por meio de órgãos sensoriais diferentes, e isto caracterizaria o sentido intersemiótico, baseado em modalidade língua e não em sistemas de signos verbais ou não verbais.

O fato das línguas de sinais usarem modalidade visual-espacial, com sentidos da visão e sinestésicos (**sic**) envolvidos, assim como as línguas faladas, serem orais-auditivas, envolvendo os sentidos da audição e, de certa forma, também sinestésicos, configura-se também formas de traduções intersemióticas nas duas línguas que se manifestam em duas modalidades (inter-lingual-modal). (SEGALA; QUADROS, 2015, p. 366).



Neste caso seria confundir as modalidades diferentes com negar a natureza verbal/linguística das línguas de sinais. Devemos ter em mente que, em sistemas de signos de mesma natureza linguística, é possível, com uma certa facilidade relacionar o par “fonte-alvo”, ou traduzido-tradutor “porque há uma ‘correspondência’ aproximada entre níveis de descrição – fonético-fonético, sintático-sintático, semântico-semântico”. (QUEIROZ; AGUIAR, 2010, p. 5), por conseguinte uma tradução entre línguas manifestadas em modalidades diferentes não se configura automaticamente em uma tradução intersemiótica.

O trabalho de Albres (2015) é notável, pois apesar de uma sucinta aderência ao conceito de Jakobson (1972), ela exemplifica de maneira nítida as possibilidades de intercâmbios multimídias, multimodais e multisemióticos da tradução de livros infantis, ampliando de forma destacada a discussão sobre a tradução intersemiótica. Expõe que, o campo disciplinar,

Ainda não se atem à coocorrência de múltiplas linguagens em um mesmo material, o que requer a mistura entre os diversos tipos de tradução, contudo a contrapõe à tradução interlingual (entre línguas) e à tradução intralingual (diferentes registros da mesma língua). Essa é uma importante iniciativa no campo dos Estudos da Tradução, pois introduz sistemas não verbais como materializações passíveis de serem traduzidas. A partir desta discussão, amplia-se a visão, considerando que a imagem (sistema de signo não verbal) e o texto (sistema de signo verbal) complementam um ao outro e dependem muitas vezes um do outro. (ALBRES, 2015, p. 396).

Vieira (2016) é sucinto em seu posicionamento autoral sobre a tradução intersemiótica. Depois de manifestar sua aderência à linha de Jakobson (1972), descreve:

A última modalidade de tradução é a intersemiótica, isto é, uma expressão de signo verbal que é transmitida para outro sistema semiótico, tipo as imagens, linguagem visual, a arte, teatro, filmes. Assim, o tradutor, em vez de estar atento aos signos verbais, concentra mais a informação no pensamento a ser entregue, enquanto a imaginação constrói a figura do significado da palavra, em seguida, traduzindo em uma imagem que lançará a mensagem para o receptor. (VIEIRA, 2016, p. 32).

Talvez fosse aconselhável uma mudança na redação, de “[...] para outro sistema semiótico, tipo as imagens, linguagem visual, a arte, teatro, filmes” para “outro sistema semiótico distinto/diferente”, assim não haveria nenhuma dúvida



quanto ao caráter dos signos. Santos (2017) baseia-se nas modalidades de produção e recepção de língua para configurar uma tradução intersemiótica, pois segundo ele,

[...] no caso de Libras para a língua portuguesa, têm-se duas espécies de tradução: a interlingual e a intersemiótica. É interlingual porque se trata de duas línguas diferentes; é intersemiótica por se tratar de duas modalidades de línguas: uma oral-auditiva e outra visual-espacial, apesar de muitos considerarem as Línguas de Sinais como signos não verbais visuais. (SANTOS, 2017, p. 16).

É o mesmo tipo de argumentação de que pudemos observar anteriormente em Segala e Quadros (2015), sendo que o próprio Segala (2010) já estabelecia esta diferença como tradução intermodal. Concluindo, encontrei em Rezende (2019), uma exposição sobre a tradução intersemiótica extremamente semelhante a outros autores que analisei neste texto, como pode ser visto no Quadro 3.

Quadro 3 – Comparação entre Rezende (2019) e outros autores

<b>Rezende (2019)</b>	<b>Outros autores</b>
<b>Argumentação</b>	<b>Argumentação pré-existente</b>
Para que se realize uma tradução intersemiótica — entre diferentes sistemas de signos — torna-se relevante observar as relações existentes entre os sentidos, os meios e os códigos envolvidos no processo. [...] (p. 22).	Para que se realize uma tradução intersemiótica — entre diferentes sistemas de signos — torna-se relevante observar as relações existentes entre os sentidos, os meios e os códigos envolvidos no processo. [...] (SEGALA, 2010, p. 29).
Jakobson define Tradução intersemiótica em seu artigo Sobre os Aspectos Linguísticos da Tradução como a transmutação de uma obra de um sistema de signos a outro, transferindo a forma e a tradução entre um sistema verbal e um não-verbal, como por exemplo, de um texto para ícones, desenhos, fotos, pintura, vídeo, cinema e outros. [...] (p. 22-23).	Jakobson define Tradução intersemiótica em seu artigo Sobre os Aspectos Linguísticos da Tradução como a transmutação de uma obra de um sistema de signos a outro, transferindo a forma e a tradução entre um sistema verbal e um não-verbal, como por exemplo, de um texto para ícones, desenhos, fotos, pintura, vídeo, cinema e outros. [...] (SEGALA, 2010, p. 29).
O uso da Língua de Sinais em vídeo facilita a compreensão, pois usa a língua já conhecida dos surdos. É uma tradução intersemiótica (p. 23).	O uso da Língua de Sinais em vídeo facilita a compreensão, pois usa um código já conhecido dos surdos. É uma tradução intersemiótica (SEGALA, 2010, p. 29-30).
Para o autor, a tradução intersemiótica é utilizar um signo verbal para sistemas de signos não-verbais, observando que isso é importante, pois existem sistemas de signos linguísticos que empregam a comunicação através dos signos visuais, isto é, as línguas de sinais (p. 24-25).	Para o autor, a tradução intersemiótica é utilizar um signo verbal para sistemas de signos não-verbais, observando que isso é importante, pois existem sistemas de signos linguísticos que empregam a comunicação através dos signos visuais, isto é, as línguas de sinais (VIEIRA, 2016, p. 32).

Fonte: elaborado por Maria Cristina Pires Pereira.



Como os trechos que abordam a tradução intersemiótica são praticamente idênticos e não estão configurados como citações diretas, decidi não os analisar, pois isto repetiria os mesmos argumentos que constavam para os autores anteriormente relatados.

### **Considerações finais**

Nestas primeiras décadas do século XXI, estamos vivendo um período muito fértil na área que abrange os chamados Estudos da Tradução e Interpretação de Língua de Sinais (ETILS) e, neste ímpeto de ocuparmos um espaço, antes a nós negado, proliferam trabalhos que, talvez, possam ter sido apressados em estabelecer relações com o campo disciplinar maior, os Estudos da Tradução já estabelecidos.

Nestes nove trabalhos investigados, que encerram uma década da presença da tradução intersemiótica nos ETILS, pudemos perceber que praticamente todos circunscrevem suas afiliações à definição de Jakobson (1972), que pressupõe a divisão em signos verbais e não verbais. Uma possibilidade para a inconsistência em algumas defesas de posição, pode ter sido a falta de uma descrição mais detalhada do que os autores consideram como verbal e não verbal. Outro ponto a destacar foi a falta de exploração maior das experiências tradutórias que podem ocorrer em uma tradução da língua portuguesa para a Libras, em que o suporte seja o vídeo. Possivelmente isto acontece porque, nas línguas orais, não era tão comum registrar traduções ou interpretações primariamente em vídeo, mas note-se que isto vem mudando com o avanço e acesso à tecnologia.

Conclui-se, a partir dos textos analisados, que é necessária uma maior explicitação e detalhamento na definição e delimitação do que os autores consideram intersemiótico na interpretação de língua de sinais, pois, em si, interpretar um texto da língua portuguesa, escrita, para a Libras falada, em vídeo, não transforma este processo automaticamente em uma tradução intersemiótica (verbal ↔ não verbal), na linha de Jakobson (1972). Se somente há a filmagem da sinalização, sem outros recursos cênicos, é apenas uma questão de registro no



suporte vídeo, como ocorreria em uma interpretação do alemão escrito, por exemplo, para o português falado e gravado em vídeo (interpretação à vista).

Por outro lado, se a afiliação for por autores que advogam outras posições como (inter)semiose, adaptação, interartes, intermedialidade, também há indispensabilidade de mencionar e detalhar a fonte teórica.

Talvez seja tempo de revisarmos nossas concepções de intersemioticidade, nestes tempos de intensa descoberta e utilização de novos modos de comunicação, (PÉREZ-GONZÁLEZ, 2014) e considerarmos as traduções que compreendem, pelo menos, uma língua de sinais e suas possibilidades ainda desconhecidas e originais para revisarmos o que existe e foi, até agora, muito ancorado somente nas línguas orais.

Os ETILs são uma vertente nova dos Estudos da Tradução, consequentemente estamos abrindo caminho e tateando em nossas bases teóricas e metodológicas, assim, ao concluir, reitero que deve ser uma preocupação coletiva em nosso campo disciplinar específico a busca pela qualidade que vai nos sustentar no meio acadêmico como uma área respeitada e com uma base vigorosa e produtiva.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Daniella; QUEIROZ, João. Modeling Intersemiotic Translation: Notes towards a Peircean Account. **Proceedings of the 10th World Congress of the International Association for Semiotic Studies (IASS/AIS)**. Universidade da Coruña (España / Spain), p. 337-344, 2012.

AGUIAR, Daniella; QUEIROZ, João. Semiosis and Intersemiotic translation. **Semiotica** 2013; 196: 283-292.

ALBRES, Neiva de Aquino. **Tradução Intersemiótica de Literatura Infanto-Juvenil: vivências em sala de aula**. Cad.Trad., Florianópolis, v. 35, nº especial 2, p. 387-426, 2015.

AMORIM, Marcel Alvaro de. Da Tradução Intersemiótica à Teoria da Adaptação Intercultural: Estado da Arte e Perspectivas Futuras. **Itinerários**, Araraquara, n. 36, p.15-33, 2013.

AS-SAFI, A. B. **Translation Theories, Strategies and Basic Theoretical Issues**. Amman: Dar Amwaj, 2011.

AVELAR, Thaís Fleury. Entrevista com tradutores surdos do curso de Letras Libras da UFSC: discussões teóricas e práticas acerca da padronização linguística. In:



QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi (Orgs.). **Estudos Surdos IV**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009, p 363-392.

BESSON, Chantal et al. The importance of non-verbal communication in professional interpretation". **aiic.net**. January 19, 2005. Accessed September 11, 2019. Disponível em: <https://aiic.net/p/1662>. Acesso em 11 set. 2020.

BORGES, Margarida Rodrigues de Andrade et al. A tradução intersemiótica da língua portuguesa para a libras: os desafios de um fazer prático. **Anais COPRECIS**. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/31062>. Acesso em: 19/07/2020.

BUCK, Ross; VANLEAR, C. Arthur. Verbal and Nonverbal Communication: Distinguishing Symbolic, Spontaneous, and Pseudo-Spontaneous Nonverbal Behavior. **Journal of Communication**, 2002, p. 522-541.

CLÜVER, C. Estudos interartes: conceitos, termos, objetivos. **Literatura e Sociedade**, v. 2, n. 2, p. 37-55, 4 dez. 1997. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ls/article/view/13267/15085>. Acesso em: 08 jul. 2020.

CLÜVER, Claus. Inter textus / inter artes / inter media. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S.l.], v. 14, p. 10-41, dez. 2006. ISSN 2317-2096. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1357>. Acesso em: 08 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. Intermedialidade. **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, V.1, N.2: p. 8-23, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15413/12270>. Acesso em: 15 mai. 2020.

COSTA, Saulo Nascimento. **O Pequeno Príncipe de Saint-Exupéry: uma Leitura Semiótica da Tradução do Português para Libras**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Tradução). Departamento de Mediações Interculturais da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2018.

DEUCHAR, Margaret. **British Sign Language**. London: Routledge, 1984.

DOTTER, Franz. Sign Language "between" gestures (nonverbal behavior) and spoken language? **Sprachtypol. Univ. Forsch. (STUF)**, Berlin 52, 1, p. 3-21, 1999.

GOLDIN-MEADOW, Susan; BRENTARI, Diane. Gesture, sign and language: The coming of age of sign language and gesture studies. **Behavioral and Brain Sciences**. 40, p. 1-60, 2017.

HIRASHIMA, César Katsumi. A Importância da Tradução Intersemiótica para os Estudos Tradutológicos. **TODAS AS LETRAS H**, ano 7, n.2, 2005.



JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blinkstein e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1972.

KNAPP, Mark; HALL, Judith. **Nonverbal Communication in Human Interaction**. Boston: Cengage, 2010.

LEBENHAGEN, Chandra. Including Speaking and Nonspeaking Autistic Voice in Research. **Autism in Adulthood**. Vol. 2, No. 2, p. 128-131, 2020. Disponível em: <https://www.liebertpub.com/doi/10.1089/aut.2019.0002>. Acesso em: 12 abr. 2021.

LEONARD, Victoria. **An Introduction to Interpersonal Communication: A Primer on Communication Studies**. Open Educational Resource (OER) - UNM, 2012. accessed July 15, 2020, <http://oer.unm.ac.id/items/show/2283>.

MACHADO, Fernanda de Araújo. **Simetria na Poética Visual na Língua de Sinais Brasileira**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, 2013.

O'MALLEY, M. K.; GUPTA, A. **Haptic interfaces**. In: KORTUM, Philip (Ed.). *HCI Beyond the GUI: Design for Haptic, Speech, Olfactory, and Other Nontraditional Interfaces*. Burlington, MA: Elsevier/Morgan Kaufmann, p. 25–74, 2008.

PÉREZ-GONZÁLEZ, Luis. Multimodality in Translation and Interpreting Studies. In: Bermann, Sandra and Catherine Porter (Eds.). **A Companion to Translation Studies**. Chichester: Wiley-Blackwell, 119-131, 2014.

PLAZA, Julio. **Tradução intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

QUEIROZ, João; AGUIAR, Daniella. Tradução intersemiótica: ação do signo e estruturalismo hierárquico. **LUMINA**. Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF. ISSN 1981- 4070. Vol.4, n. 1, 2010, p.1-14.

QUEIROZ, João; AGUIAR, Daniella. C. S. Peirce and Intersemiotic Translation. In: TRIFONAS, Peter Pericles (Ed.). **International Handbook of Semiotics**. Toronto: Springer, 2015, p. 201-215.

REZENDE, Renata Cristina Fonseca de. **Perfovisual: a Transcrição Artística em Língua de Sinais**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – POSTRAD. Universidade de Brasília, 2019.

RIGO, Natália Schleder. Tradução poética de músicas para língua brasileira de sinais (Libras). **Tradução em Revista** 27, 2019.2., p. 300-318.

RODRIGUES, Carlos Henrique; BEER, Hanna. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente? **Cadernos de**



**Tradução.** Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 17-45, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p17>. Acesso em: 11 jul. 2020.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral.** Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 25.ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

SEBEOK, T. A. **Nonverbal communication.** In: COBLEY, Paul (ed.). The Routledge Companion to Semiotics and Linguistics. Londres: Routledge, 2001.

SANTANA, Neemias Gomes. **Tradução intersemiótica de música para Libras: recursos linguísticos e procedimentos técnicos de tradução possíveis.** In: RIGO, Natália Schleder (Org.). Textos e contextos artísticos e literários: tradução e interpretação em libras: volume I. Petrópolis: Arara Azul, 2019, p. 50-67. Disponível em: <https://editora-arara-azul.com.br/site/baixar.php?arquivo=4730046084.pdf>

SANTOS, Ozivan Perdigão. **Interpretação de Libras.** Retextualizando Sinalizações de um Professor Surdo. Curitiba: Appris, 2017.

SEGALA, Rimar Ramalho. **TRADUÇÃO INTERMODAL E INTERSEMIÓTICA/INTERLINGUAL: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais.** Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina. 2010.

\_\_\_\_\_; QUADROS, Ronice Müller de. **Tradução Intermodal, Intersemiótica e Interlinguística de Textos Escritos em Português para a Libras Oral.** Cad. Trad., Florianópolis, v. 35, nº especial 2, p. 354-386, jul-dez, 2015.

SILVA, Denise Almeida ; LEMOS, Elis Gorett da Silveira. Tradução, Inclusão Literária e Surdez: reflexões a Partir da Tradução do Conto “Vestida de Preto” do Português para a Libras. **Litterata**, Ilhéus, vol. 7/2, p. 64-83, 2017.

SOUZA, Saulo Xavier de. **Performances de Tradução para a Língua Brasileira de Sinais Observadas no Curso de Letras-Libras.** Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina. 2010.

STECCONI, Ubaldo. Interpretive semiotics and translation theory: The semiotic conditions to translation. **Semiotica**, 150–1/4, p. 1-20, 2004. Disponível em: [https://www.academia.edu/9044120/Interpretive semiotics and translation the ory The semiotic conditions to translation](https://www.academia.edu/9044120/Interpretive_semiotics_and_translation_theory). Acesso em: 29 jul. 2020.

STUBBS, Michael. **General Editor's preface.** In: DEUCHAR, Margaret. British Sign Language. London: Routledge, 1984.

VIEIRA, Saulo Zulmar. **A Produção Narrativa em Libras: uma Análise dos Vídeos em Língua Brasileira de Sinais e da sua Tradução Intersemiótica a Partir da Linguagem Cinematográfica.** Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina. 2016.

WILCOX, Sherman. Routes from Gesture to Language. **Revista da Abralin**, vol. 4, nº 1 e 2, p. 11-45. dezembro de 2005.



\_\_\_\_. Language in Motion: a Framework for Unifying Spoken Language, Signed Language, and Gesture. **Anuari de Filologia**. Estudis de Lingüística (Anu. Filol. Est. Lingüíst.), vol. 2, p.49-57, 2012.

### **Biografia da autora**

**Maria Cristina Pires Pereira** é doutora em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professora da área de Tradução no curso de Letras, bacharelado Tradutor e Intérprete de Libras e Português da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Áreas de atuação e interesse: Estudos da Tradução, Estudos da Interpretação, Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais.